

## DOSSIÊ

### LUÍS DE CAMÕES E A ITÁLIA

*O título do dossiê deste número da revista Estudos Italianos em Portugal afigura-se de tal modo evidente, que quase parece percorrer um círculo. De facto, se a Itália foi o fulcro a partir do qual se difundiu, por toda a Europa, o esplendor do Humanismo e do Renascimento, é nela que a grandeza de Luís de Camões afunda as suas raízes, pelo modo como potencia esse húmus vital.*

*Imagine-se a cultura do poeta como uma biblioteca composta por vários livros. Seriam de facto densas as estantes reservadas a autores da Antiguidade, humanistas, e poetas e prosadores do Renascimento. Ora, quase todos os grandes escritores das letras latinas foram trazidos para a contemporaneidade pelos humanistas italianos, guardiães da própria tradição material dos seus textos e pioneiros da sua decodificação, bem como das renovadas interpretações de que foram objeto. Não há muitas certezas acerca dos conhecimentos de grego que Camões deteria, mas o transvaze de temas e estilemas dos humanistas italianos para a obra do lírico, do épico, do dramaturgo e até do autor de cartas em prosa é difuso. O mais que célebre soneto Amor é fogo que arde sem se ver elabora afinal a transposição, para vernáculo, de um passo do De remediis utriusque fortunae, de Francesco Petrarca: “est enim amor latens ignis”, e assim por diante. Sabe-se hoje que os modelos de Camões englobavam, para além de Petrarca, um círculo de poetas petrarquistas italianos bem mais numeroso do que até há algum tempo se supunha. Por sua vez, outros ilustres poetas que lhe serviram de exemplo, como Boscán e Garcilaso, situam-se, também eles, na órbita italiana.*

*Foi com esta biblioteca na sua bagagem que Camões partiu à descoberta de mundo, observando as mais diversas populações e as mais longínquas paisagens. Mas o seu talento descobriu, além disso, outros caminhos até então inexplorados: aquelas rotas do petrarquismo que levaram a uma indagação do dissídio, da variedade do cosmos e da fragmentação de lugares e vivências com uma intensidade sem precedentes. Aliás, a interseção da tradição italiana com a narrativa de viagens e com o substrato peninsular ibérico culminou num impulso de tal modo renovador, que os seus ecos atravessaram tempos e fronteiras, como acontece com os escritores clássicos.*

*Bem o mostra a fortuna de Camões em solo italiano, terreno fértil da receção de uma obra que se projeta através de diversos campos artísticos. Efetivamente, o movimento circular que liga Luís de Camões e a Itália, a que inicialmente se aludia, ao alargar-se até aos nossos dias, revitaliza esse enlace. Deste modo, e através de uma nova circunvolução, dos livros vindos de Itália, alinhados numa imaginária biblioteca do poeta, passa-se à receção merecida, também em Itália, pelo seu labor.*

*Este dossiê colige nove artigos que exploram a relação de Camões com a Itália, considerando quer as raízes da sua cultura, quer os ecos da sua obra.*

*As três primeiras intervenções são dedicadas à receção oitocentista. Manuel Ferro detém-se sobre Don Sebastiano, obra de fim de vida de Domenico Donizetti, analisando a ação e a forma como a figura de Camões é tratada, para concluir que se deve ao compositor italiano a criação da personagem melodramática de Camões. Sucessivamente, Ana Beatriz Andrade toma por tema a ópera Ines de Castro, de Giuseppe Persiani, referida por Giacinto Manuppella na sua Camoniana italiana, interrogando-se sobre os motivos que teriam levado o estudioso italiano a incluir esse item na sua bibliografia. Por sua vez, Ernesto Rodrigues refere a receção do poeta no século XIX, em Portugal, com uma nota final sobre o quadro italiano.*

*De seguida, a pretexto de um imaginário bilhete postal enviado pelo insigne filólogo Gianfranco Contini a Carlo Emilio Gadda, Rita Marnoto descreve um percurso que se desenvolve entre pintura, literatura e ecdótica.*

*A essa intervenção, segue-se um conjunto de artigos dedicado a questões de índole textual.*

*Alessandro Scarsella retoma a tradução para italiano, elaborada por Giacomo Prampolini, de um conjunto de poemas de Camões, considerando as várias facetas do processo de receção e comparando os resultados obtidos com os de outras traduções. Martina Matozzi confronta duas compilações de sonetos camonianos traduzidos para italiano, a partir de uma base filológica que tem por parâmetro a autenticidade autoral. Já Simone Iantorno detém-se sobre a filiação dantesca da figura de Ulisses, em Os Lusíadas, para indagar o que fica para além das reservas morais que lhe são colocadas.*

*Por sua vez, os dois últimos artigos aprofundam as relações entre Camões e a Itália, explorando o domínio dos modelos literários. Maurizio Perugi, na senda do artigo publicado nesta mesma revista em 2006, vem esclarecer o sentido da palavra esquivo, na canção Manda-me Amor. E Barbara Spaggiari faz a revisão crítica de um comentário de Faria e Sousa que pretendia aproximar Leonardo, personagem de Os Lusíadas, do poema em latim macarrónico Baldus, que Teofilo Folengo assinou sob o pseudónimo de Merlin Cocai.*

*A isto se acrescenta, na rubrica “Obra aberta”, o confronto entre Camões e Marino elaborado por Tommaso Gori.*

*O estudo da obra camoniana muito deve a um escol de críticos italianos da velha guarda, como Erilde Melillo Reali, Giulia Lanciani, Giuseppe Tavani, Luciana Stegagno Picchio ou o saudoso Silvano Peloso, recordado na rubrica In memoriam, aos quais se poderiam acrescentar tantos outros. De resto, alguns dos mais inovadores projetos de pesquisa que no século XXI têm vindo a ser dedicados à matéria contam com uma forte participação de investigadores italianos, como é o caso do Comentá-*

*rio a Camões ou da Edição crítica da sua obra lírica e épica, do Centre International d'Études Portugaises de Genève, que atualmente se encontra em curso de publicação pela Imprensa Nacional, numa nova edição em língua portuguesa.*

*Oxalá as novas gerações de lusitanistas italianos continuem a desenvolver este rico legado, e a crítica produzida nos vários cantos do mundo possa tirar o melhor partido, para um aprofundamento da exegese camoniana, da exploração das raízes italianas do labor de Luís de Camões.*

RITA MARNOTO